

O processo identitário do colégio Sagrado Coração de Jesus (1956 – 1972): marcas da religiosidade e da etnicidade nas práticas educativas

Resumo

O presente artigo trata da pesquisa histórica do Colégio Sagrado Coração de Jesus, localizado em Bento Gonçalves/RS, no período de 1956 a 1972. Tem como objetivo investigar o processo identitário da instituição, analisando a hibridez do colégio pelas marcas de religiosidade e etnicidade. Na perspectiva da História Cultural¹, este estudo fundamenta-se em Stuart Hall (2000; 2004; 2005) ao entender o processo identitário como transformação e em Ulf Hannerz (1997) ao considerar os fluxos e a mistura de culturas. Como metodologia, foram realizadas entrevistas² com ex-alunos e ex-professores do colégio e moradores da região, bem como analisadas fotografias do período. Apresenta resultados parciais de uma pesquisa, evidenciando marcas distintivas do colégio por meio das representações dos sujeitos, assim como silenciamentos do currículo, identificados pelas vozes dos entrevistados.

Julia Tomedi Poletto
ju.t.poletto@gmail.com

Palavras-chave: Instituição Educativa. Processo Identitário. Hibridez. Religiosidade. Etnicidade.

¹Para a compreensão de história cultural, utilizo as palavras de Pesavento (2008, p. 15): “Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.”

² Todos entrevistados optaram por manter seus nomes originais na pesquisa, por meio de autorização escrita e assinada previamente. Neste artigo, o nome deles será mencionado.

Considerações Iniciais

Para iniciar uma investigação em torno do processo identitário de uma instituição educativa, é fundamental compreender o entorno, ou seja, os aspectos que contribuem para a contextualização deste espaço escolar. De acordo com Flávia Werle (2004, p. 32), é “impossível falar de história das instituições educativas sem situá-las na região em que estão inseridas e, ante a outras escolas, situá-las no contexto socioeconômico da época.”. Dessa forma, para entender a identificação do colégio, faz-se necessário analisar sua história, entender suas necessidades, seus desafios e suas condições ao longo do tempo.

Partindo dessa perspectiva, sinalizo que o Colégio Sagrado Coração de Jesus, situado no Bairro Cidade Alta, em Bento Gonçalves/RS, foi criado em 1956, pela congregação das Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus. A vinda das Irmãs Apóstolas para o município, a fim de fundarem um colégio ocorreu pela solicitação da Paróquia Cristo Rei, através do padre vigário Rui Lorenzi, com apoio da Diocese de Caxias do Sul.

Além da solicitação da paróquia, os moradores da Cidade Alta - região que se encontrava em pleno desenvolvimento na cidade em função da criação da estação férrea, em 1919, e posterior construção da paróquia, em 1949 – também aguardavam pela criação de um colégio católico para a comunidade. Pelo fato de os moradores serem predominantemente descendentes de italianos, a manutenção da fé por meio da educação era um pedido desta comunidade e se traduzia na presença das freiras, desenvolvendo sua proposta educativa na região.

Cabe salientar que a manutenção da fé católica era um dos aspectos que os imigrantes e descendentes de italianos cultivavam na tentativa de preservar seu sentimento de italianidade (Luchese, 2007). Em outras palavras, esse requerimento por uma escola católica na região expressava as estratégias dos imigrantes e descendentes italianos para manter vivas algumas características de sua pátria, como forma de aproximar seus costumes com aqueles vividos em sua terra natal.

Da mesma forma, pelo evidente progresso da Cidade Alta, ter um colégio católico nesta localidade significava um fator de prestígio para os moradores, uma vez que as escolas católicas existentes no município estavam situadas no centro da cidade, também denominado por “Cidade Baixa”.

Sendo assim, em meio às solicitações de uma comunidade e o interesse da paróquia pela existência de uma escola católica na região, foi fundado o Colégio Sagrado Coração de Jesus, imbuído de expectativas, intencionalidades e representações. A partir dessa breve contextualização, investigo o processo identitário deste colégio, considerando esses múltiplos olhares e esses movimentos que marcaram, desde a criação do colégio até o seu processo de constituição, essa instituição educativa, sendo que o enfoque desse estudo será a religiosidade e a etnicidade.

Apoio para a análise realizada

Investigar a história de uma instituição educativa requer uma análise para seus movimentos, suas rupturas, seus processos e sua cultura. Mais do que isso, demanda uma compreensão da sua realidade e um entendimento do seu funcionamento, traduzindo assim uma identificação para o espaço investigado.

Mas porque estudar a identidade de um colégio? A identidade institucional é o que identifica o colégio em seu meio, no contexto em que se insere e na comunidade que atende. Nesse sentido, investigar a identidade de uma instituição educativa significa entender seu processo histórico, contribuindo para a compreensão de seus pertencimentos, suas marcas singulares, suas necessidades e seus movimentos no decorrer do tempo.

Tratando especificamente do Colégio Sagrado Coração de Jesus, me deparo com uma escola católica, dirigida por uma congregação religiosa de origem italiana. Com essa pequena referência, já é possível verificar inúmeros aspectos que compõem a identificação dessa instituição, como: a religiosidade, a etnicidade, as características específicas da congregação, a realidade em que a escola se insere, entre outras.

Estes aspectos, como muitos outros, compõem o “arsenal identitário” da escola e retratam a caminhada institucional desse colégio. Cabe salientar que essa “identidade” da escola não é fixa, e muito menos estática. Toda identidade é permeada por movimento, e investigar a história de uma instituição educativa perpassa, justamente, por essa análise dos processos e das (des)continuidades desse espaço.

Sendo assim, para estudar a identidade de um colégio, ou seja, as marcas e os movimentos de uma instituição, é necessário entender a identidade como um processo, algo dinâmico e que se encontra em transformação constante. De acordo com Stuart Hall (2004, p. 12-13), a identidade torna-se “[...] uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente.” (HALL, 2004, p. 12-13).

Reconheço que este escrito não traduz uma identidade fixa. Até porque, “a fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade.” (SILVA, 2000, p. 84). Apesar das tentativas frustradas de “fechar” uma identidade, ela sempre será transformada e transformadora, enquanto outros sujeitos estarão entrando em contato com ela.

Reconhecendo a “flexibilidade” das identidades, entendo que esta pesquisa apontará aspectos do processo identitário que, ao longo dos anos, esteve (e está) em constante transformação. Este movimento presente nos processos identitários explica-se, também, pelos fluxos e pelos limites da cultura.

Uma cultura surge pelos movimentos que sofre, pelas outras culturas que a perpassam e pelas fronteiras (limites) que detém, autorizando hábitos, costumes, vestimentas, modos de agir, etc. Conforme Ulf Hannerz (1997, p. 12) “[...] para manter a cultura em movimento, as pessoas, enquanto atores e rede de atores, têm de inventar cultura, refletir sobre ela, fazer experiências com ela, recordá-la (ou armazená-la de alguma outra maneira), discuti-la e transmiti-la.”

Estes são os fluxos da cultura, os modos de cambiar cultura, torná-las híbridas e, por meio dessas inter-relações, promover o surgimento de outros processos identitários.

Exemplo disso são os fluxos de cultura e as interações que permitiram a existência de muitas identificações para um mesmo grupo. Nesse sentido, este estudo não enaltecerá a identidade de uma instituição escolar, mas sim estes processos que, historicamente, representaram este espaço, deixando marcas e significados.

Nesta investigação, sinalizarei dois aspectos primordiais do processo identitário do colégio: a religiosidade e a etnicidade. Tais características perpassam a história da instituição educativa e retratam marcas significativas da instituição escolar, as quais merecem ser realçadas no estudo em questão.

Cabe salientar que outros fatores compõem o processo identitário do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Entretanto, neste artigo, apresento as marcas singulares da identificação deste espaço apontadas pelos entrevistados, as quais fazem parte da história do colégio e evidenciam interessantes caminhos assumidos pelos sujeitos escolares, nos seus modos de ser, de pensar e de agir dentro da instituição educativa.

A religiosidade na escola: marcas da educação católica

Considerando que o colégio desta investigação é conduzido por uma congregação religiosa – Congregação das Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus -, iniciar a pesquisa em torno do processo identitário da escola pela análise da religiosidade foi um caminho palpável e visível. Mais do que isso, partir da religiosidade e percebê-la no interior da escola revelou um processo imbuído de relações, o qual evidenciou marcas da educação católica nas práticas educativas dos sujeitos.

O Colégio Sagrado Coração de Jesus surgiu em Bento Gonçalves pela solicitação da Paróquia Cristo Rei, através do padre vigário Rui Lorenzi, e dos moradores da região da Cidade Alta, que almejavam uma escola católica no bairro como forma de acolher os filhos e as filhas das pessoas da comunidade e desenvolver a região que estava em movimento de progresso e de expansão. Em virtude deste contexto, entendo que a relação entre paróquia e colégio não se limitou apenas à solicitação da existência da

proposta educativa das Irmãs Apóstolas. Pelo contrário: perpassou as práticas escolares e inseriu-se no interior da escola.

Através dos relatos orais de ex-moradores e ex-alunos da região, compreendo a relevância que a religiosidade teve para a vida desses sujeitos, uma vez que a manutenção da fé (neste caso expressa no catolicismo) era fundamental para a época. Segundo Riolando Azzi (1999), a partir da segunda metade do século XIX foi intensa a presença das congregações religiosas no setor educacional brasileiro, uma vez que a educação passou a ser solicitada com maior ênfase pelos imigrantes e, por consequência, “[...] as escolas católicas ou paroquiais foram veículos significativos para a manutenção da fé católica entre os filhos de imigrantes e seus descendentes.” (AZZI, 1999, p. 239).

Reconheço que no período que pesquiso - a partir de 1956, ou seja, metade do século XX-, muitas mudanças já haviam ocorrido. Entretanto, essa referência da escola católica como um diferencial para a manutenção da fé e para a educação dos imigrantes e descendentes perpassa meu estudo, visto que o sentimento de italianidade alicerçado à conservação de alguns hábitos e algumas crenças da antiga pátria ainda se mantinham vivos nos anos de 1950 a 1970.

Para além da necessidade dos moradores que almejavam a manutenção da fé católica e da solicitação da paróquia, as marcas da religiosidade foram percebidas também no interior da escola em questão, compondo assim o processo identitário do colégio. Sinalizo esse aspecto por identificar nas entrevistas e nos documentos a representação acerca da importância da religiosidade no colégio.

Dessa forma, entendo que a memória revelada pelos entrevistados são representações do colégio e, portanto, necessitam de uma análise cuidadosa e rigorosa. Conforme Justino Magalhães (2004, p.127):

As instituições educativas, como as pessoas, são portadoras de uma memória e de memórias. Essas memórias-representação, frequentemente assentes na transmissão oral, revelam-se fixistas, cíclicas, fruto de olhares particulares e consubstanciam-se em relatos

dispersos, memórias factuais e justificativas de destinos de vida, marcadas não raro por arbútrios e exageros de vária ordem.

Partindo do pressuposto de que a escola é portadora de memória e de representações, os quais são olhares particulares que fazem parte de uma história, verifico a relevância do trabalho com história oral e o desafio de analisar esses dizeres, carregados de sentimentos, lembranças e esquecimentos. Tendo em vista essa reflexão, percebo que as marcas de uma educação católica apresentada na fala dos entrevistados eram entendidas como pontos de destaque do colégio, que repercutiam, inclusive, para a comunidade.

Claro que é importante o conhecimento, mas também era muito importante o humano. Eu tenho uma vaga lembrança de algo que nós fizemos, tipo uma mobilização pra ajudar... só não lembro se era pra limpar a igreja ou algum lugar diferente, mas lembro que esses gestos solidários faziam parte do nosso dia a dia também. Eram essas coisas que marcavam o ensino da gente: esse espírito de solidariedade, esse amor e respeito ao próximo, esses valores católicos que as irmãs ensinavam. Isso a gente levava pra vida. (Ari Orestes Cetolim, ex-aluno, 2013).

A oração do começo da aula, as aulas de catequese oferecidas na própria escola, os momentos de espiritualização na capela e a participação em atividades da paróquia, como a Cruzada Eucarística, são outros sinais da educação católica, que “ultrapassam” os símbolos e as imagens colocados na estrutura física da escola. Essas marcas são recordadas por ex-alunos, ex-professores e moradores da Cidade Alta.

“A religiosidade era forte. Todo final do mês tínhamos na escola confissões com o padre Rui Lorenzi.” (Ari Orestes Cetolim, 2013). Essas eram práticas que aconteciam no interior da escola e que carregavam marcas da religiosidade. Não apenas como, por exemplo, lembranças do tempo da catequese, mas como vivências diárias, que faziam parte do cotidiano escolar e, conseqüentemente, de formação dos alunos.



Figura 01: Pré-primário 1957. Aluna – Jane Maria Tasca. Fonte: Acervo da Biblioteca Mãe Rainha, do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Bento Gonçalves.

A partir dessa imagem, reforço a ideia de que as marcas da educação católica estavam incutidas nas práticas dos sujeitos, ultrapassando as imagens das paredes do colégio. Claro está que este momento foi preparado para o registro. Porém, ao analisar a imagem, verifico a presença de importantes símbolos que sugerem uma educação “ideal”, esperada para aquele espaço: o livro aberto, o mapa ao fundo e a estátua de Nossa Senhora.

O rosto sorridente da menina e os braços posicionados em cima do livro promovem uma reflexão acerca da intencionalidade do registro. Pela posição da criança e pelas imagens do seu entorno, o conhecimento parecia estar vinculado ao uso do livro, ao estudo de mapas e à religiosidade. Como se o sucesso na aprendizagem estivesse atrelado a estes quesitos indispensáveis no cotidiano da criança na escola.

Não se tem registros sobre o motivo da fotografia ter sido tirada. Entretanto, reconheço que as fotos individuais dos alunos representando um momento da vida

escolar eram comuns para a época, o que sugere que este registro tenha sido feito com esse objetivo. Entretanto, independente do propósito da fotografia, destaco os elementos presentes na imagem além da criança, por interpretar que o saber estava estreitamente relacionado com a educação católica.

Interessante pontuar que, antes mesmo de serem questionados sobre a presença de marcas da religiosidade na instituição pesquisada, os entrevistados comentaram sobre a formação religiosa que as irmãs davam e apontaram essa educação para a religiosidade como uma marca distintiva da educação oferecida no Colégio Sagrado. Segundo a ex-aluna e ex-professora do colégio, Lérida Milani (ex-aluna, ex-professora e moradora da Cidade Alta, 2014):

O principal era a formação religiosa porque nenhuma escola, e eu acho que até hoje, nenhuma escola dá a formação religiosa como o Sagrado sabe...O embasamento não é só teórico, é prático. Isso a gente carrega pra vida toda. Bom, todos nós, porque nossa família toda estudou no Sagrado, e todos nós temos isso dentro da gente sabe. Nós temos isso como regra geral, como formação de vida.

Ao que tudo indica, a manutenção da religiosidade no espaço escolar era esperada pela comunidade educativa, a fim de o colégio se tornar uma extensão da família. Em outras palavras, promover a formação religiosa na escola significava ir ao encontro do que se fazia no contexto familiar e no espaço da Igreja.

Por ser uma predominância nos relatos orais o ensino dos valores para a formação humana e religiosa dos alunos, entendo que o colégio, para além do currículo previsto em legislação, realizava uma formação específica. Sendo assim, as práticas de religiosidade vivenciadas na escola retratam um modo de agir, que não apenas deve ser compreendido como característica do processo identitário do colégio, mas também como um componente da cultura escolar dessa instituição.

A formação religiosa e o ensino dos valores, a partir da análise das entrevistas, estavam incutidos não apenas na conduta das irmãs, mas no exercício da função dos

professores. Segundo Lérica Milani (2014), os professores leigos também tinham a missão de ensinar os valores e formar os alunos para serem responsáveis, honestos e solidários na comunidade.

Nesse sentido, entendo que as marcas da educação católica faziam parte das práticas educativas e expressavam características de destaque do processo identitário do colégio. Para a comunidade, ter uma escola católica na região alta da cidade era sinônimo de prestígio e progresso, pois além de suprir com as necessidades dos moradores, garantia a formação cristã dos jovens do município.

Etnicidade: silenciamentos e pertencimentos

Após analisar um aspecto evidente do processo identitário do colégio, realço um fator que, a olho nu, pode ser considerado “invisível” dentro da identificação desta instituição educativa: a etnicidade.

Considerando que a congregação das irmãs é de origem italiana, que o município em que as religiosas se instalaram foi predominantemente colonizado por italianos e que a maioria dos moradores (e conseqüentemente seus filhos e educandos do colégio) eram descendentes italianos, analisar a etnicidade e verificar a presença deste grupo étnico no processo identitário do colégio é imprescindível.

Início a reflexão acerca da presença da etnicidade no processo identitário da escola por meio do entendimento de que as mudanças identitárias interferem no processo educacional. Dessa forma, entendo que o processo educativo está atrelado às mudanças culturais e identitárias vinculadas nesta pesquisa à etnicidade.

Embora muitas vezes ocorra de forma silenciosa, identificar as marcas étnicas no processo educativo é compreender a constituição dos grupos e perceber que modos de ser, de pensar e de agir se assentam às questões étnicas e históricas. Mais do que isso, é revelar essas aparentes “ausências” que estão presentes no currículo oculto das instituições, a fim de interpretar algumas práticas e perceber que elas estão alinhadas com aspectos étnicos, o que reforça a hibridez no processo identitário das escolas.

Através dos relatos dos entrevistados, verifico algumas marcas da etnicidade dentro e fora dos muros da escola:

Não tinha italiano no colégio, mas os alunos sabiam falar o dialeto. O dialeto quase todas as crianças pelo menos entendiam. Agora não lembro se a gente falava na escola. Bom, quem não falava, pelo menos entendia o dialeto, porque nossos pais todos falavam o dialeto italiano. Na minha casa, eles falavam tudo em dialeto conosco, só que nós sempre respondíamos em português. Então a gente não falava o dialeto, mas entendia. (Ir. Marinês Tusset, ex-aluna, 2013).

A recordação do dialeto italiano como a língua utilizada pelos pais e vizinhos retrata uma das marcas da etnicidade. Pelo período investigado, infiro que grande parcela das crianças já falava o português, inclusive pela nacionalização da língua ocorrida nas escolas, em anos anteriores. Contudo, a permanência da língua materna no lar realça essa miscigenação de culturas (Hannerz, 1997), uma vez que aponta para transformações e interações com a questão da língua.

Essa “diversidade linguística” é entendida por Hannerz dentro do viés da hibridez e tem como exemplo os estudos linguísticos de Bakhtin, o que realça esse processo de hibridação apresentado pelos traços da língua materna dos descendentes, ou seja, o dialeto falado dentro das casas e a língua da nova pátria, o português, assumido como língua oficial dentro das escolas. Conforme Hannerz (1997, p. 26):

Hibridez parece ser atualmente o termo genérico preferido, talvez por derivar sua força, como “fluxo”, de uma fácil mobilidade entre disciplinas (mas muitos dos outros termos também têm a mesma flexibilidade). Apesar de seu tom biológico, é um termo forte principalmente no campo dos estudos literários, em grande parte pela sua presença na obra de Mikhail Bakhtin (1968). Imagino que, para Bakhtin, a hibridez representava antes de tudo a coexistência de duas línguas, duas consciências linguísticas, mesmo dentro de uma única fala, comentando uma a outra, desmascarando-se mutuamente, criando contradições, ambigüidades, ironias.

No interior da escola, algumas práticas também revelavam a presença da língua italiana neste espaço, apesar de o ensino do italiano não estar previsto no currículo da instituição.

O português e a matemática eu me lembro assim que realmente o ensino era muito forte, era valorizado. E os cantos italianos também! Eu ainda lembro uns cantinhos italianos que eles nos ensinavam. Mesmo não tendo aula de italiano, mesmo assim eles nos ensinavam os cantinhos em italiano... Também, a maioria era descendente de italiano. (Ir. Marinês Tusset, 2013).

Ciente de que as lembranças dos cantos mencionadas pela entrevistada referiam-se ao tempo em que ela frequentou o primário, suponho que o ensino de canções era comum na prática docente com crianças pequenas. Porém, destaco o ensino destas canções por terem sido na língua italiana.

Além da análise em torno do ensino da língua italiana e da presença do dialeto nas famílias, destaco também a presença da cultura italiana em práticas do colégio. Conforme depoimento de Lérica Milani (2014), em seu tempo de aluna:

[...] nós fizemos um desfile, na época em que a Ir. Lucrecia era diretora, que daí falava de todas as profissões e da descendência de italiano. Aí eu organizei um grupo de pais e nós gravamos músicas em italiano, na própria escola, e depois na hora do desfile a gente colocou essas músicas italianas, por um grupo que representava assim os italianos. E eram todas as profissões, então tinha o madeireiro, que tava com o uniforme da fábrica, o ferreiro, que tinha uniforme da empresa, o fasolo, que tinha a roupa de couro. Foi bem legal! Na verdade esse era o desfile da semana de Bento. Então pro desfile a gente “pegava” tudo de Bento: o vinho, os italianos...(Lérica Milani, 2014)

No currículo oculto, as marcas da etnicidade – especificamente da cultura italiana – transpareciam: tanto pelas vivências e práticas dos sujeitos no interior da escola como no diálogo em dialeto italiano estabelecido entre as famílias, fora do espaço escolar. Da mesma forma, a identificação do grupo de religiosas com a região, visto que a

congregação italiana assumiu a proposta educativa em território predominantemente de descendentes italianos também traduz a presença da etnicidade e, conseqüentemente, a hibridez no processo identitário da instituição.

Dessa forma, compreendo que o processo identitário da escola está emaranhado pelo entorno da escola, pela história que constrói dentro e fora de seus portões. Nesta análise específica, o processo identitário do colégio está alinhado com algumas características do grupo étnico italiano.

Claro está que outros grupos étnicos, em número inferior, já faziam parte do contexto de Bento Gonçalves no período investigado. Todavia, realço a etnicidade na identificação da escola por perceber que a predominância de descendentes italianos se acentuava nas práticas escolares, autorizando assim uma determinada cultura e ocultando muitas outras.

Em outras palavras, infiro que, através de práticas sofisticadas, a presença da cultura italiana sutilmente tornou-se um componente indiscutível do processo identitário do colégio. Tal fato reforça a ideia de hibridez da instituição educativa que, apesar de seguir a proposta educativa das irmãs apóstolas, apresentou em suas práticas “combinações” de outras culturas, expressas aqui pela cultura italiana, enraizada nos cantos, nas dramatizações e nas vivências da escola.

Considerações finais

Partindo das análises e das reflexões apresentadas em torno da religiosidade e da etnicidade como integrantes do processo identitário do colégio, compreendo que a identidade, entendida como processo e neste caso tratando-se de uma instituição educativa, é plena de relações de poder, de intencionalidades e de representações. Pela investigação produzida, infiro que tanto as marcas da religiosidade como a presença da etnicidade no contexto escolar retratam a intensa relação da escola com a comunidade.

Em ambas as situações, verifico as necessidades e as características de um povo, com determinada cultura, compondo o cenário educativo. Não apenas como

característica da escola, mas imbuída nas práticas dos sujeitos escolares, em seus modos de agir e de pensar dentro (e fora) da instituição educativa.

Esse movimento da comunidade para com a escola é interpretado como os fluxos da cultura (Hannerz, 1997), que possibilitam a relação entre culturas, o intercâmbio de costumes e a mistura de elementos de cada uma. Pensando no colégio, ousou afirmar que o processo identitário foi “encharcado” por esses fluxos da cultura do grupo étnico italiano e da religiosidade expressa pela fé católica. Em contrapartida, o colégio, por meio de sua proposta educativa e pela identificação da própria congregação das irmãs, também “inundou” a comunidade com suas características, como, por exemplo, o ensino de valores e a formação humana, a qual não era apenas esperada pela comunidade, mas também fazia parte da proposta educativa das Irmãs Apóstolas.

Por meio deste movimento constante de fluxos, ocorreu a mistura de culturas no processo identitário. Essa mistura, ou hibridez, promove a “criação” de novas culturas, as quais se constroem a partir da inclusão (e exclusão) de elementos das outras culturas, anteriormente identificadas de maneira separada.

Dessa forma, ao longo do tempo, o processo identitário do colégio sofreu interferências de outras culturas, as quais o modificaram e possibilitaram novos olhares e novas possibilidades de agir e de pensar, mas sem fazer com que marcas específicas do colégio se conservassem. Como afirma Hannerz (1997, p. 12): “No caso dos fluxos de culturas, é certo que o que se ganha num lugar não necessariamente se perde na origem. Mas há uma reorganização da cultura no espaço”.

Nesse sentido, a hibridez, sendo entendida como essa mistura cultural, faz parte do processo identitário produzido, visto que a congregação das Irmãs Apóstolas esteve em constante movimento identitário, buscando propagar as referências de sua proposta pedagógica e, ao mesmo tempo, direcionando seu trabalho para as necessidades do entorno, ou seja, da comunidade educativa. Portanto, encontrava-se num movimento intenso de formação/transformação.

Este movimento constante, promovendo uma hibridação no processo identitário do colégio, dá-se também por se tratar de uma congregação religiosa italiana que abre

um colégio em localidade brasileira, com a maioria de seus habitantes descendentes de italianos, mas já com um histórico de algumas décadas no Brasil, o que provocou modificações em sentido de hibridação.

Todos estes fatores acentuam que o processo identitário do colégio é marcado por constantes transformações e pela hibridez. Mais do que isso, sinalizam que as marcas do processo identitário de uma instituição educativa só podem ser compreendidas quando nos “despimos” das lentes da verdade e nos permitimos olhar com rigorosidade e criticidade para as práticas e os discursos dos sujeitos, entendendo-as como representações.

Tanto a religiosidade, que foi visivelmente percebida no interior da escola, como a etnicidade, que de maneira silenciosa se fez presente no processo identitário da instituição, apenas foram identificadas e puderam ser analisadas em virtude da postura detetivesca e do abandono da ideia de “fixação”, “verdade” e “homogeneidade” no decorrer da pesquisa. A partir desse pressuposto, busquei apresentar marcas do processo identitário do colégio, revelando posicionamentos e silenciamentos do currículo.

Por tudo isso, concluo que o processo identitário do colégio carrega consigo aspectos que, por vezes, não são tão visíveis (como a etnicidade neste estudo), mas estão imbuídos de interesses, os quais precisam ser estudados e analisados.

Conforme Stuart Hall (2005, p. 7): “Eram os silêncios que nos diziam alguma coisa; era o que não estava lá. O que precisava da nossa atenção era o que estava invisível, o que não se podia enquadrar, o que aparentemente era impossível de ser dito.”. Suspeitar das certezas e buscar desvendar as entrelinhas das imagens e as vozes silenciadas dos sujeitos são ferramentas importantes na análise do processo identitário de um colégio, entendendo-o como movimento, flexibilidade e passível de modificações.

Nesse sentido, compreender que as fontes que utilizamos não são neutras significa olhar minuciosamente para o passado e perceber que, assim como outras instituições, a escola é permeada por interesses, necessidades, silenciamentos e pertencimentos. Afinal, “todas as fontes históricas que nos chegam do passado são

plenas de relações de poder, de jogos de sentido e significação, construídas e preservadas no tempo para as gerações futuras.” (LUCHESE, 2007, p. 33).

Que a suspeita pelas ditas “verdades” e a criticidade em torno das representações sobre o espaço escolar sirva de alavanca para mais pesquisas em torno desses mecanismos de seleção e silenciamento que fazem com que a instituição educativa seja este espaço de encontros, descontinuidades, fluxos e hibridação.

Referências

AZZI, Riolando. *História da Educação Católica no Brasil: contribuição dos Irmãos Maristas*. Vol 1. São Paulo: Ed. Loyola, 1999. 435p.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103 – 133.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. 102 p.

_____. *Raça, cultura e comunicações: olhando para trás e para frente dos estudos culturais*. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. ISSN (eletrônico) 2176 – 2767. v. 31, 2005, ago/dez. (Américas). Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2308/1400> Acesso em: 20/02/2014.

LUCHESE, Terciane Ângela. *O processo escolar entre imigrantes da Região Colonial Italiana do RS – 1875 a 1930: Leggere, scrivere e calcore per essere alcuno nella vita*. 2007. Tese (Doutorado em Educação – Universidade do Vale do Rio dos Sinos). São Leopoldo. Unisinos, 2007.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. *Tecendo nexos: história das instituições educativas*. Bagança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

HANNERZ, ULF. Fluxos, Fronteiras, Híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. In: *Mana*. Revista da Sociedade Brasileira de Antropologia. Rio de Janeiro, n. 3, v. 1, 1997, p. 7-39.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica: 2008. 132p. (Coleção História &...Reflexões, 5).

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73 – 102.